

COMPORTAMENTO

# OS DEFENSORES DO PANTANAL

*Eles não têm roupas da Marvel, mas têm superpoderes. Conheça quatro importantes personagens brasileiros que lutam para preservar a maior planície alagada da face da Terra*

Por Renata Piza







Mônica Guimarães, coordenadora do Documenta Pantanal. Na página ao lado, a seca na região



## MÔNICA GUIMARÃES

### A SUPERCONTADORA DE HISTÓRIAS

“Salvar o Pantanal, eu quero ser o primeiro.” A frase que abre o documentário *Ruivaldo, O Homem que Salvou a Terra* é, talvez, a melhor maneira de compreender o deslumbramento que o Pantanal causa na gente, a vontade de preservá-lo de qualquer maneira. Dirigido por Jorge Bodansky, com fotografia de João Farkas e produção de Mônica Guimarães, ele narra a história do fazendeiro diante das consequências do assoreamento do Rio Taquari. E acabou sendo o ponto de partida para a criação do Documenta Pantanal, que, em apenas dois anos, apoiou e produziu quatro livros, coordenou dois documentários e se prepara agora para promover em 26 de maio (*anote na agenda*) um leilão virtual de arte contemporânea com venda revertida em prol do bioma. “O Pantanal é de um deslumbre estético e de uma inteligência própria tão grande. Precisamos abrir os olhos e ouvidos para quem está ali”, diz Mônica, que assumiu a coordenação do Documenta e tem se empenhado em disseminar a cultura pantaneira em todas as suas frentes: culinária, música, dança. “Não vemos um projeto cultural de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul. Nossa meta é arrecadar R\$ 1,2 milhão no leilão”, conta a santista de coração pantaneiro. Dinheiro que será revertido à SOS Pantanal para custear a forma-

ção de brigadas rurais em diferentes pontos da planície: três em Poconé, duas em Corumbá, duas em Barão de Melgaço, duas na Chapada dos Guimarães e uma em Santo Antônio de Leverger.

## ÂNGELO REBELO

### O SUPERSOLDADO

“Tive uma relação com o Pantanal à base de bala e de encantamento. É um misto daquilo que Manoel de Barros fala, essa ‘ilimitude’ de encantamento e desafio.” Foi em 1982, no auge da caça ao jacaré, que Ângelo Rebelo, recém-saído da escola de oficiais, chegou ao Pantanal. “Perdi um soldado com um tiro na testa e levei um tiro no ombro”, conta ele. “Fiz dez cirurgias e passei dois anos em São Paulo me recuperando.” Não perdeu o encanto. Mineiro de BH, que passou a infância e adolescência em Mato Grosso do Sul, Rebelo vive hoje entre Corumbá e a Serra do Amolar, onde fica o Instituto Homem Pantaneiro, fundado e presidido por ele. Vive subindo e descendo os rios. Monitora o assoreamento, segue na luta contra as queimadas. Encontrou sua missão de vida. “A sensação da impotência e perda que tivemos em 2020 ainda ardia na minha pele em janeiro deste ano. Os animais não tiveram nenhuma possibilidade de fuga. Falhamos brutalmente.” Um trauma que ele compara



## COMPORTAMENTO

à guerra da década de 1980. “O fogo consumiu áreas imensas em 24, 48 horas. Era humanamente impossível segurá-lo com ventos de 40, 50 km por hora, muita matéria orgânica, tempestade de fuligem e fumaça. Foi assustador em todos os sentidos.” Para que a história não se repita, Rebelo saiu na frente – embora frise que esse é um trabalho em conjunto, feito para complementar, não substituir o governo. Com o dinheiro de um prêmio da Unesco e a ajuda da SOS Pantanal, o Instituto Homem Pantaneiro comprou três carros-pipa e formou duas brigadas permanentes na Serra do Amolar – que já estão criando rotas de fuga para fauna, monitorando as condições climáticas e conversando constantemente com a comunidade. “O Pantanal é de uma fragilidade que chega a ser fascinante. Você vê a variação que acontece no bioma de centímetro a centímetro de água; se dá conta de o que acontece no planalto interfere na planície, de como as condições climáticas desafiam sua sobrevivência”, enumera o homem que não nasceu, tornou-se pantaneiro.

### NEIVA GUEDES A SUPERBIÓLOGA

Formada em Biologia e nascida em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, Neiva Guedes queria trabalhar com pesquisa de campo, mas nos anos 1980 não existiam muitos projetos assim no Brasil. Partiu então para a educação, até que em 1989 conseguiu voltar ao Pantanal, onde havia estagiado quatro anos antes. “Quando voltei, vi as araras-azuis numa árvore de galho seco e soube que elas estavam correndo risco de extinção. Decidi ali preservá-las.” Era novembro de 1989 e Neiva tinha 27 anos. Conselheira da SOS Pantanal e fundadora do Instituto Arara Azul, ela conta que o trabalho de preservação da espécie é possível graças a doações privadas (a Fundação Toyota é uma grande parceira), turismo de observação e adoção simbólica de ninhos. Um trabalho que já dura 30 anos e que demanda resiliência, tamanhos os desafios encontrados: variações bruscas de temperatura prejudicam o processo reprodutivo. Os incêndios em 2019 e

De cima para  
baixo: Neiva  
Guedes,  
presidente  
do Instituto  
Arara Azul;  
Ângelo Rebelo,  
presidente do  
Instituto Homem  
Pantaneiro, e  
Alexandre Bossi,  
presidente da  
SOS Pantanal

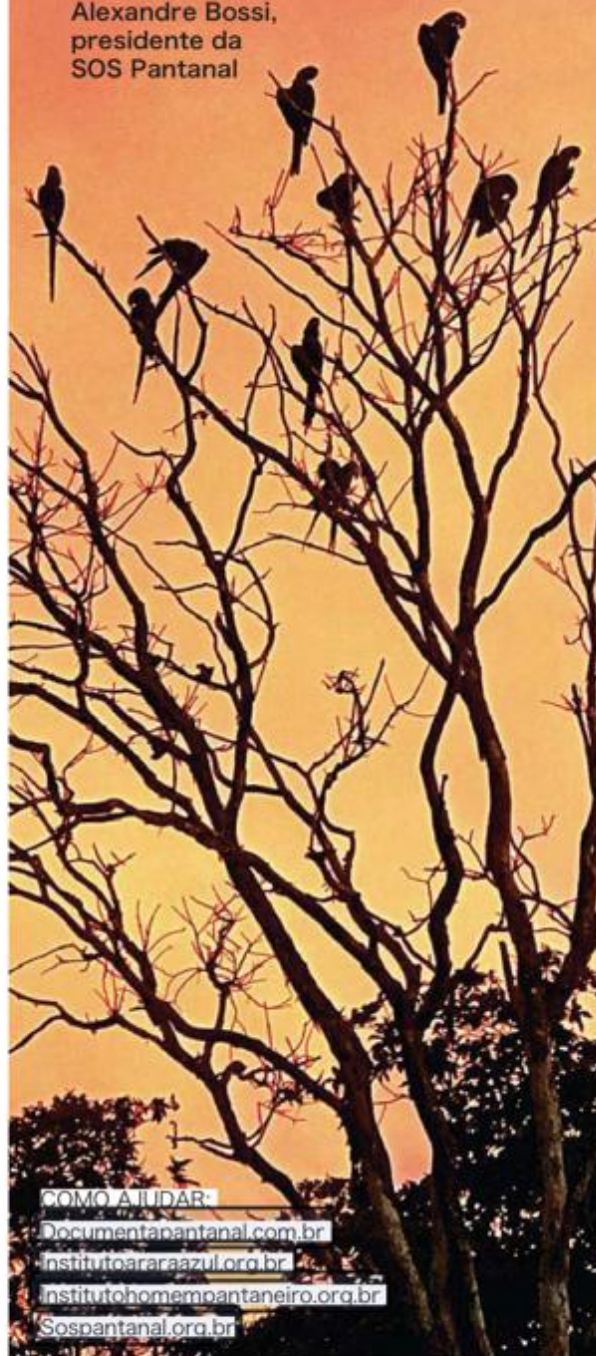


Foto Neiva Guedes





Foto Claudia Gaigher



Foto Alexis Prappas



Cortesia SOS Pantanal

2020 geraram efeitos nocivos não só na hora da queimada, mas ao longo do tempo, e as araras ainda sofreram com uma epidemia de herpes vírus. “Conseguimos identificar 200 araras mortas e não é fácil encontrar bichos mortos no Pantanal, porque eles são rapidamente devorados por outros animais”, explica Neiva, que se mantém firme e forte na missão. “Minha visão continua a mesma de 30 anos atrás, de encantamento, de saber que, apesar de tudo, o Pantanal é um dos biomas mais conservados do mundo, abrigo de espécies ameaçadas, como antas, onças-pintadas, tamanduás-bandeira e, claro, araras-azuis.”

## ALEXANDRE BOSSI O SUPERINTERLOCUTOR

O mineiro radicado em São Paulo Alexandre Bossi é formado em Economia e Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e sempre trabalhou no mercado financeiro. Mas, a partir de 2018, passou a se dedicar também à SOS Pantanal, uma espécie de “internet pantaneira”, que coleta e passa informações, dá suporte a pesquisadores, e advoga junto aos poderes públicos. “Atuamos em duas frentes. Damos voz a quem vive de ecoturismo e protege o Pantanal, difundindo o trabalho de pousadas, por exemplo, e fazemos a interface com prefeituras, Estados e governo federal mostrando a importância do bioma e as ameaças que existem.” Ameaças que, infelizmente, se espalham. Entre águas e seca, o equilíbrio é tênue. “A umidade do Pantanal pode estar danificada de uma forma estrutural. Ela vem do sul da Amazônia, que está sendo desmatada. Além disso, sofremos com o assoreamento dos rios. Das quatro mil nascentes que desembocam aqui, nenhuma está no Pantanal.” Ou seja, quando os produtores rurais desmatam no planalto, a areia desce toda para o Pantanal e impede o fluxo de seca e cheia, desenhado pela natureza. Resultado: áreas enormes alagadas para sempre. “As pessoas só protegem o que conhecem e pouca gente conhece o Pantanal.”